

Apresentação

Uma das faces da literatura que a tornam fascinante é a capacidade de colocar no centro temas, personagens, contextos socioculturais e históricos e segmentos populacionais historicamente silenciados. Esses grupos deslocados do centro são reconhecidos também por outros termos, como “marginalizados”, por estarem à margem das decisões, ou como “minorias”, mesmo que sejam majorias demográficas. Diante da imensa produção advinda desses grupos que estão às margens, a literatura — e, como parte do campo literário, os estudos literários — traz à cena aspectos invisibilizados por razões diversas, ligadas à temática, à autoria, à abordagem crítica, à passagem do tempo ou a processos de apagamento ainda pouco discutidos.

É assim que esta edição da *Em Tese* se compõe de artigos que exploram a diversidade social e cultural, figurada pelos textos literários, e discutem um ou mais tópicos que estão ou estiveram às margens da sociedade, como a produção literária e cultural de mulheres, de pessoas não brancas, não heteronormativas, não integrantes de segmentos socialmente privilegiados, além de produções que ficaram escondidas por questões de arquivo ou de falta dele e pela ação de agentes que escolheram o que devia ser estudado e como devia ser estudado.

Na seção ESTUDOS LITERÁRIOS, Guilherme Moraes e Carolina Barbosa Lima e Santos, ambos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), assinam “O ‘Homem’ como vítima do mundo: *Angústia*, desamparo e solidariedade em Luís da Silva”. Os autores abordam Luís da Silva, protagonista de *Angústia*, personagem que “sofre a impotência comumente experienciada pela sua classe social e expressa solidariedade às demais personagens da classe trabalhadora” (Moraes; Santos, 2026, p. 10). A investigação sobre a figura de Luís da Silva sustenta-se em abordagem multidisciplinar, que passa por questões ligadas ao consciente/inconsciente, ao trauma e ao afeto.

Na sequência, encontramos o artigo “Da teoria *queer* às reflexões políticas, homossexuais e o diálogo com a contemporaneidade: uma leitura de *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago”, de Allan Lucas dos Santos Pereira e Francisco Alves Gomes, ambos da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Os autores se propõem a averiguar o papel que a literatura pode desempenhar como ferramenta de “resistência e porta-voz das comunidades marginalizadas” (Pereira; Gomes, 2026, p. 27), a partir dos eixos “a abordagem da homossexualidade, a crítica ao contexto da Ditadura Militar brasileira [...] e o diálogo com a contemporaneidade” (Pereira; Gomes, 2026, p. 27).

Ainda na seção ESTUDOS LITERÁRIOS, “[Cor](po²)(é²tica)] negra: uma leitura de escritas em e com o corpo”, de Lorena do Rosário Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), propõe compreender a “escrita negra brasileira enquanto resultado de uma poética que é produzida nos corpos [...] e com os corpos” (Silva, 2026, p. 49), associando essa escrita às memórias que resultaram do encontro de “pés” africanos em solo brasileiro indígena. Em seguida, no artigo “Para criar limites e dizer eu: a autoimagem da mulher negra nas poéticas de Lubi Prates e Noémia de Sousa”, de Alice Vieira Barros, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a autora parte dos “novos lugares de enunciação da mulher negra nas literaturas modernas e contemporâneas” (Barros, 2026, p. 70) para construir uma leitura comparativa entre as obras das poetisas Lubi Prates, brasileira, e Noémia de Sousa, moçambicana. Barros identifica perspectivas diferentes nos trabalhos das poetisas, mas com aproximações no esforço de construir um discurso que não corresponda aos “estereótipos negativos historicamente associados à mulher negra” (Barros, 2026, p. 70).

Essa seção conta, por fim, com o artigo “The Aerial Sprite and the Savage Monster: Rewriting Ariel and Caliban as Symbols of Latin America in Angra’s Concept Album, *Aqua* (2010)”, de Tiago de Melo, da UFMG, que, unindo música e literatura, propõe um estudo da adaptação da peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, em música para o álbum *Aqua*, da banda brasileira Angra. A análise é feita sob a ótica dos estudos pós-coloniais, enfatizando a relação dicotômica entre as personagens Ariel e Caliban.

Na seção TRADUÇÃO E EDIÇÃO, dois textos trazem à luz documentos de menor circulação no Brasil. No primeiro caso, o artigo “‘Sobre meus olhos, meus lábios, meus cabelos’: tradução e restauração em edições do livro *Ariel*, de Sylvia Plath”, Fernanda Gontijo de Araújo Abreu, da UFMG, realiza o cotejamento entre duas edições da obra de Sylvia Plath: a que foi organizada pelo escritor e ex-marido da poeta, Ted Hughes, com partes suprimidas e sequência diferente da que a escritora havia deixado nos manuscritos; e a que foi publicada posteriormente pela filha de Plath, na íntegra e de acordo com a ordem deixada pela mãe, recebendo por isso o subtítulo “restaurada”.

O último texto integrante da seção é “*Sir Orfeo*: uma tradução em dísticos rimados”, de Samuel Renato Siqueira Sant’Ana, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). O autor propõe uma tradução inédita para o português de *Sir Orfeo* (c. séc. XIV), “possivelmente a partir de um original em francês, atualmente perdido” (Sant’Ana, 2026, p. 126). Além disso, Sant’Ana traz dados acerca da história de manuscritos, edições e fortuna crítica do texto tratado, oferecendo novas perspectivas para o estudo do lai bretão em português.

Na seção **EM TESE**, as temáticas relacionadas às questões de gênero e sexualidade na literatura retornam em dois artigos que tratam da condição de opressão e marginalização desses grupos. O primeiro texto é “Womanism in Alice Walker’s *Possessing the Secret of Joy*: Possibilities and Counternarratives”, de Bianca Ribeiro Borges e Naiana Siqueira Galvão, ambas da Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT). As autoras analisam o movimento do “mulherismo” na obra de Alice Walker, focalizando a trajetória de Tashi e sua vivência como vítima da mutilação genital feminina (MGF), prática que ainda persiste de forma preocupante, no mundo¹. A investigação busca favorecer a “reflexão sobre lutas de mulheres frente a opressões interseccionais” (Borges; Galvão, 2026, p. 153).

O segundo artigo da seção, “‘O iris também é Brasil’: marginalidade e homossexualidade em *Memórias da guerra* (1986), de Aguinaldo Silva”, de Tiago Calazans Simões e Valéria Amim, ambos da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), aborda a trajetória do escritor Aguinaldo Silva. A partir de *Memórias da guerra*, que consideram “um texto marginal”, os autores lançam o olhar para a temática homoerótica da fase “marginal” de Silva. Pela condição de ativista homossexual, pelo contexto da ditadura militar brasileira e pela segregação espacial imposta pela reurbanização da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1970, o escritor, na análise de Simões e Amim, teve a produção literária “menosprezada pelo moralismo da crítica e do regime militar” (Simões; Amim, 2026, p. 174), uma das razões que explicitam a importância do estudo realizado.

Temas, contextos, personagens e autores historicamente invisibilizados ocupam o cerne dos estudos literários nesta edição da *Em Tese*. Oriundos de diferentes instituições do país, os textos desta edição inaugural do ano de 2025 oferecem um panorama riquíssimo sobre os estudos literários em suas diferentes perspectivas. Diante das mais diversas formas de exclusão que ainda permanecem em nossa sociedade, o presente número vem nos lembrar da importância de refletirmos continuamente sobre o espaço social que ocupamos.

Desejamos a você boas leituras!

Comissão Editorial

Cíntia Maciel; Cláudia Rezende; Danilo de Athayde; Floriane Abreu da Silva; Henrique Júlio Vieira; Laura Ribeiro Araújo; Vinícius Cassiano Campos Abreu

¹ De acordo com a ONU Mulheres, há relatos de ocorrência da MGF em 92 países de todos os continentes, com destaque para África e Ásia. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/articles/faqs/faqs-on-female-genital-mutilation-causes-impact-and-how-to-end-it#94072>. Acesso em: 11 maio 2026.